

TRAJETÓRIA FILOSÓFICA DE MIGUEL REALE

Lourenço Zancanaro*

INTRODUÇÃO

Miguel Reale situa-se entre os mais renomados pensadores brasileiros com preocupações bem definidas em relação à sua reflexão filosófica.

Autor de algumas dezenas de artigos publicados em revistas especializadas no Brasil e no exterior e de obras já traduzidas na América e na Europa. Entre as mais significativas destacam-se: *Filosofia do Direito*, 8ª edição em 1975; *Pluralismo e Liberdade*, 1963; *Teoria Tridimensional do Direito*, 1968; *Fundamentos do Direito*, 2ª edição em 1972; *Experiência e Cultura*, 1977; *o homem e seus horizontes*, 1980; *Verdade e conjectura*, 1983.

Limitar seu fecundo trabalho a essas obras não é desmerecer o restante de sua produção literária, porém deve servir-nos como elemento provocativo ao conhecimento de suas idéias. Basta lembrar que em 1934, aos 24 anos, já lançava seu primeiro ensaio denominado "O Estado Moderno", que alcançou elogios da crítica pela profundidade de suas idéias.

Em 1987 aos 76 anos lançou seu livro "Memórias" em dois volumes, desvelando momentos significativos de sua trajetória como homem público, jurista, educador, filósofo e fundador do Instituto Brasileiro de Filosofia em 1950.

Nosso compromisso será com sua filosofia quando analisaremos alguns aspectos que o fazem um pensador original profundo e competente, onde uma de suas preocupações principais se referem à questão da cultura. Caracterizamos sua coragem e determinação ao partir da crítica de algumas categorias do pensamento de Kant considerados demasiadamente estáticas, para em seguida fundamentar uma nova teoria da experiência para a compreensão do homem.

(*) Mestrando em Filosofia Social na PUCAMP, Professor de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina – Pr.

Fugindo de uma concepção idealista e a-histórica, reporta-se para o homem histórico, o qual realiza sua experiência dentro de um nó de relações. Suas idéias fogem a perspectiva reducionista e a pressupostos teóricos fixos para daí deduzir a compreensão da realidade. Compreender esses aspectos será nosso intenso ao longo dessa breve apreciação.

1. EM BUSCA DE UMA ORIGINALIDADE

Levantar a questão da originalidade na filosofia brasileira é perguntar pelo autenticamente brasileiro em nossa reflexão. Essa preocupação nos leva a três momentos ou a três posições.:

A primeira defende uma filosofia que se preocupa em refletir a realidade social brasileira sem o uso de categorias oriundas do contexto cultural e filosófico europeu. É refletir a partir do que é nosso, de tudo o que envolve a realidade do homem brasileiro caracterizando um pensamento independente em relação ao mundo europeu e norte-americano.

A segunda defende que não seria possível pensar sem pressupor o que já se conheceu em termos de filosofia ao longo de todo o processo de desenvolvimento das idéias. Nunca poderíamos ignorar o pensamento de Platão, Aristóteles, Dèscartes, Hegel, Marx, Husserl, Nietzsche, etc., pois neles estão presentes afirmações que ultrapassam localismos situando-se numa perspectiva universal de pensamento. O importante é fazer uma leitura atualizada de suas idéias mostrando que todos contribuíram para o avanço da filosofia partindo da análise de problema do seu tempo.

Uma terceira defende única e exclusivamente a produção européia. Somente ali estaria a autêntica filosofia. As outras maneiras de filosofar não seriam mais do que um mero prolongamento das grandes teses presentes nos principais sistemas.

Miguel Reale diria que não é possível haver a filosofia sem levar em conta as três posições simultaneamente. O privilegiamento ou o desmerecimento de uma delas não estaria refletindo globalmente o que pretende abordar. Por isso vê a necessidade de uma complementaridade para que a abordagem seja coerente e não caia numa visão unilateral.

Da mesma forma o autor em discussão critica todos os psicologismos, behaviorismos, positivismos, buscando uma visão de complementaridade entre todas as ciências. Segundo sua visão não se pode privilegiar uma ciência em particular como a física, química, biologia ou matemática, sob pena de não compreendermos o homem ou a natureza em sua totalidade. As ciências particulares e muito menos a filosofia conseguem explicar o homem quando utilizadas de forma compartimentalizada, pois este é um nó de relações e deve ser compreendido segundo suas experiências.

Efetivamente se perguntarmos quem é o homem, numa resposta clássica responderíamos que é um “animal racional”. Por muitos séculos esta foi uma consideração tida como definitiva pois não se tinha conhecimento das contribuições de outros ramos da ciência. Se na atualidade esta visão se ampliou foi devido ao avanço das ciências onde foram surgindo contribuições para que posições fossem alteradas, ampliadas e conseqüentemente aprofundadas. Pesquisas trouxeram a evidência que outros animais também expressam manifestações emocionais que antes eram consideradas características exclusivas do humano. Isto obrigou um novo dimensionamento da questão.

Hoje afirmamos que além da animalidade, racionalidade, o homem é ser simbólico. Não é mais compreendido pura e simplesmente através de categorias “a priori”, mas como um elemento histórico em que o processo de simbolização se encarregou de mostrar qualidades essencialmente criativas. Parafraseando Cervantes, só existiria um modo de apresentar o ser humano, isto é, “biografando”, pois ele é sua relação com o mundo. Como ser concreto revela pela sua atividade e por meio dela revela sua estrutura essencial. A maneira de perceber a simbolização é através de suas realizações ou manifestações culturais que estão presentes na história pelo mito, religião, arte, linguagem, técnica e ciência. Todas representam manifestações criativas de um ser concreto. Nelas se revela um saber fazer de alguém que esteve e está situado no espaço e no tempo, que é possível conhecê-lo pelo intercâmbio e interconexão de todas as suas realizações ou pelo fluxo e refluxo de suas atividades revolucionárias que transformam a face do planeta, mostrando-se como potencialidades criativas.

Através dessas atividades é possível uma leitura dos horizontes do humano e conhecer todas as interconexões que perfazem sua história.

2. CRÍTICA À COSMOVISÃO KANTIANA

Para compreender os pressupostos que Miguel Reale se fundamenta no desenvolvimento de sua teoria da cultura, é necessário partir de uma crítica ao pensamento Kantiano. Aliás essas teses já vêm desenvolvidas pelos neokantianos de Marburgo e de Baden.

“Os neokantianos de Marburgo viram muito bem o resquício de psicologismo no apriorismo de Kant ao esquematizar as possibilidades de conhecer como qualidades quase que inatas ou qualidades potenciais do espírito, e preferiram conceber o ‘a priori’ como hipóteses lógicas do conhecimento científico determináveis à luz do conteúdo das ciências. Um passo a mais e necessário foi dado quando se voltou novamente a atenção ao ‘sentido do objeto’, às suas condições transcendentais, de maneira que a

transcendentalidade passou a ser entendida como condição da pesquisa, na correlação essencial de sujeito e objeto, ou seja, em uma Gnoseologia inseparável de pressupostos 'ñticos'. o que, diga-se de passagem, não significa ontológicos"¹.

O que Reale questiona é a hegemonia do "eu" ao colocar uma estrutura puramente formal, querendo impor seus esquemas à realidade, como se fossem respostas definitivas e acabadas. E acentua que "... o eu transcendental não pode ser concebido como forma 'vazia e estática', e, como tal 'definitivamente estruturada"².

Todo o conhecimento se afirma na correlação do sujeito com o objeto e não da preexistência no espírito de "formas definitivas". O que caracteriza o conhecimento é a correlação onde os esquemas são constantemente remodelados de acordo com o avanço dos conhecimentos. Segundo Reale a malograda tentativa de Kant reside em tentar explicar a realidade mutável e contingente a partir de "conceitos puros", esquecendo a implicação dialética do que é imanente ao sujeito e ao objeto. Isto só seria possível não a partir do nada, do "a priori" ou de conceitos idealistas, mas da prática entendida na correlação dialética que se manifesta na experiência durante o processo de pesquisa.

Observa-se em Kant o "... eu em transcendental concebido de forma a-história e a-social... como decorrência da compreensão da consciência transcendental centrada em si mesma"³. O "eu" não pode ser estático legislador da realidade pois segundo Reale "... Kant sacrificava o que há de essencial em sua filosofia: o valor criador e sintético do espírito, desde que este seja concebido como força capaz de ordenar a realidade, não por ter a virtude de constituí-la conceitualmente por inteiro (o espírito, segundo Kant, é legislador da natureza), mas sim por ter a capacidade de captar e ordenar os dados imanentes ao real, sem se limitar a copiar uma imagem de antemão suposta como 'existente' ab extra"⁴. Em contrapartida ressalta que a grande contribuição de Kant está em ter aberto as partes para uma nova teoria do conhecimento na medida que esta aparecia como um saber autônomo, "... não subordinando à Ontologia ou Metafísica"⁵. O progresso do conhecimento não pode ser reduzido a pressupostos positivistas pois todo o conhecimento positivo se dá num contexto histórico, sendo significativo ao "...eu social da cultura... o estatuto intersubjetivo da ciência e seu caráter social inelutável"⁶.

Se existe um certo dogmatismo no pensamento de Kant, não se trata de eliminá-lo, porém de dimensioná-lo às novas condicionalidades culturais fazendo-o atender "... à condicionalidade social e histórica de todo o conhecimento ... Reconhecida essa falha, pode-se e deve-se falar em transcendentalidade objetiva e não apenas em transcendentalidade subjetiva do conhecimento"⁷.

Cabe acentuar, que a gnoseologia kantiana está circunscrita a uma concepção de universo, onde os resultados das ciências particulares eram tidos como irrefutáveis, e só havia lugar para a experiência natural "... aos princípios da Mecânica clássica"⁸. Mas seus pressupostos para um avanço dos conhecimentos foram extremamente importantes no sentido de dar fundamentação científica ao pensamento de Marx, Comte, Russel e Husserl, ultrapassando um criticismo puramente formal para outro que envolvesse o sujeito e o objeto. Conclui Reale "... ao criticismo estático, que preordena o real segundo esquemas imutáveis de um eu transcendental a-histórico, deve suceder um criticismo dinâmico, aberto e plurivalente; o que tudo implica uma alteração essencial no modo de colocar os problemas, mudança de altitude esta que corresponde, penso eu, ao sentido do pensar de nosso tempo"⁹.

3. O ESFORÇO PARA A SUPERAÇÃO DE POSIÇÕES UNILATERAIS

Segundo o depoimento de Francisco Olmedo Llorente "a ontognoseologia constitui uma contribuição original, significativa, fecunda, que se soma ao esforço de grandes filósofos contemporâneos: E. Lask, Husserl, Scheler, N. Hartmann, Heidegger, Ortega y Gasset, Marcel, Sartre, Marleau-Ponty, Zubiri, etc"¹⁰.

Como abordar a questão do conhecimento sem dar preferência ao sujeito ou ao objeto e superar a antítese idealismo-realismo, consiste a proposta fundamental do pensamento de Miguel Reale. Por isso propõe uma nova teoria do conhecimento que a denomina ontognoseologia ou teoria do ser enquanto objeto do conhecimento. Como todo o conhecimento parte da consciência intencional ele efetiva-se sempre numa correlação entre sujeito e objeto. Essa preocupação deve-se ao fato do pensamento contemporâneo ter-se polarizado ora dando preferência ao sujeito que é uma posição tipicamente idealista, ora dando preferência ao objeto envolvendo uma posição eminentemente realista. No âmbito das ciências essa posição é muito clara no positivismo em que a verdade está ligada somente aos dados da experiência positiva. Na filosofia ela aparece no idealismo absoluto de Hegel.

Lembramos que Reale não quer destruir em sua teoria crítica essas posições, mas aproveitar toda a sua força e importância para a modernidade, mostrando que deve haver uma complementaridade. Por isso, "A Ontognoseologia é a doutrina do ser enquanto conhecido e das condições primeiras do pensamento em relação ao ser"¹¹. No entender de Llorente, "Reale pensa que as condições transcendentais devem ser analisadas na correlação essencial entre sujeito e objeto, quer dizer, numa Gnoseologia inseparável de pressupostos ontológicos. Em outras palavras,

só é possível a transcendentalidade na correlação sujeito-objeto. A Ontognoseologia analisa o saber como 'totalidade concreta'¹².

A originalidade de Reale está em não destruir o sentido original do termo gnoseologia enquanto busca dos critérios de validade dos nossos conhecimentos ou como idéia de que esta pressupõe um fato inquestionável investigando suas condições de validade. Também não desmerece as conquistas da ciência mostrando que os pressupostos transcendentais se encontram numa "correlação" na "co-implicação" como uma síntese entre matéria e forma.

Para Kant o "eu transcendental" aparece como "...legislador na natureza, sem abranger os domínios da ética e da história. Para Reale, a natureza nomotética do espírito significa que este possui um poder simbolizante e outorgador de sentido real, tanto natural como cultural. Em outros termos, o caráter nomotético do espírito diz respeito à sua função constitutiva e não meramente receptiva e reprodutiva. "... Reale afirma que a consciência transcendental não é uma forma vazia, estática, definitivamente estruturada, centralizada em si mesma; é, antes, histórica, social, aberta, intencional, considerando-se que a transcendentalidade só é possível na correlação dinâmica e dialética entre sujeito e objeto"¹³. Em síntese no homem existe uma trama de experiências, de novos valores que possibilitam um surgimento infinito de novos horizontes. Insaciavelmente as ciências buscam novos valores, novas compreensões e em meio a tudo isto se encontra o homem como consciência, liberdade, pessoa, indivíduo.

Esta posição liberta de todo e qualquer dogmatismo a começar pela não aceitação pura do "a priori", isto é, do primado da ciência. Não podemos esquecer que a análise fenomenológica é fundamental no processo cognoscitivo porquanto nos desperta da impossibilidade da análise do todo como "conjetura" definitiva, mas nos conscientiza que o processo se realiza por momentos e facetas passíveis de superação. Nem o idealismo nem o realismo chegam a essa totalidade no dizer de Reale, quando se apresentam como conjeturas reducionistas. Quando se tentou converter a filosofia em "ciência rigorosa" houve um impedimento em situar o problema conjetural. Assim entendemos que todo o reducionismo acaba por obstaculizar a análise e o desdobramento das idéias dentro de uma visão integral levando-se em conta todas as conjeturas que compõem uma problemática. Esta atitude conjetural é preponderante ao processo de conhecimento pois mostra que é necessário conjeturar levando-se em conta a "interdisciplinaridade", pois esta significa "imaginação".

Reale mostra como os reducionismos sempre estiveram presentes na história. "Da mesma forma, a história das doutrinas sociais e jurídicas do século XX se reduz a uma sucessão de teorias de marcado cunho redutor, privilegiando-se ora este ora aquele outro elemento, para, através dele, lograr-se uma idéia artificial do direito e do justo.

Psicologismo, biologismo, sociologismo, behaviorismo, pragmatismo, economismo, etc., são tantas expressões de interpretações monocórdicas, através das quais sempre se acaba subordinado a um prisma isolado a complexa fenomenologia das ciências humanas.

Quando partimos, ao contrário, de duas teses incindíveis e complementares, ou seja, a de que não podemos viver sem uma visão do todo e a que o todo só se nos oferece como um conjunto de perspectivas, cuja harmonia é um imperativo do processo dialógico da história, as partes não acabam sendo absorvidas e nulificadas por totalismos redutivistas¹⁴. Por isso, nenhuma conjectura nos situa diante do absoluto, seja a do cientista, filósofo ou do homem comum "... a conjectura ocupa um papel dos mais significativos, seja operando como ponto hipotético e provisório de partida, mais tarde confirmado graças a novos processos cognoscitivos, seja valendo como "verdades práticas" que nos ajudam a superar o sempre insatisfatório estado de dúvida"¹⁵.

Parece importante destacar que "... qualquer que seja o campo de pesquisa em que se situe o cientista, ele nunca deixa de ser um ser situado na sociedade e na história, o que explica venha a ser mais tarde ou cedo, atraído ou tentado pela exigência global de uma visão global do mundo e da vida... A exigência de 'interdisciplinaridade' nasce, desse modo, de um sentimento de 'finitude' ou de 'implenitude' que cada pesquisador tem de seu próprio saber e operar; e, ao mesmo tempo, do sentimento complementar de que essa posição, por mais particular que seja, tem algo em comum com o saber e o fazer dos demais, pondo-se a possibilidade de fixar certas 'diretrizes globais' em função do 'valor comum' de que se tem consciência"¹⁶.

Reale afirma que a interdisciplinaridade "... tem o sentido e a força de um diálogo universal". Servindo-se do pensamento de Heidegger acrescenta "... o diálogo é a essência mesma do homem, impõe-se concluir que graças à tendência à interdisciplinaridade, que cobre todos os horizontes das ciências naturais e humanas, estamos vivendo uma experiência que talvez se pudesse denominar 'experiência dislógica da concepção do mundo', o que restitui o fundamento ontológico a um problema que inicialmente não resultava senão de pressupostos de caráter epistemológico"¹⁷. O autor denomina essa relação "eu-mundo", a interconexão entre as ciências, de "dialética da complemanetariedade". Isto só foi possível mediante a superação do formalismo kantiano abrindo a possibilidade de tratar a moral em seu conteúdo axiológico como "intersubjetividade e diálogo", ao mesmo tempo que se abriu a meditação sobre a "temporalidade como dimensão essencial do homem"¹⁸.

Reale concluiu dizendo: "Poder-se-ia dizer que na dialética de complementaridade há uma correlação permanente e progressiva entre dois ou quais não se podem compreender separados um do outro, sendo ao

mesmo tempo cada um deles irredutível ao outro, de tal modo que os elementos da relação só logram plenitude de significado na unidade concreta da relação que constituem, enquanto se correlacionam e daquela unidade participam”¹⁹.

4. A IDÉIA DE CULTURA

A obra fundamental para se entender a abordagem sobre o tema da cultura é “Experiência e Cultura”. O autor não pretende reduzir a história a uma visão simplista, isto é. “... a simples influxos econômicos, biológicos ou físicos”, mas apoia-se no dizer de Gadamer quando é preciso manter “... a realidade (...) dentro de um horizonte de possibilidades, desejadas ou temidas, em todo o caso possibilidades abertas”²⁰. Ele quer dizer “... que o êxito de certos eventos se traduz em ‘formas históricas simbólicas’ (no sentido que Cassirer empresta a este adjetivo) isto é, indicativas de ‘estruturas axiológicas relevantes’ na ordem dos acontecimentos, emergindo do solo da experiência humana formas históricas fundamentais que se tornam patrimônio da espécie, a ponto de parecerem ‘inatas’ no processo cultural”²¹.

A nosso ver Reale não defende que essas “formas históricas” sejam um patrimônio arquetípico mas valores com significações que perpassem o tempo histórico. Essas significações subsistem como valores porque estão numa correlação com o passado. Em outras palavras, cada época compreende o fato histórico a seu modo.

As diferentes interpretações da história são na verdade imagens complementares presentes no processo dialógico que todas as áreas de conhecimento desenvolveram ao longo da história.

O homem, não é produto do processo histórico, mas é através dele que a humanidade adquire consciência de determinados valores fundamentais que passam a atuar como se fossem inatos, representando marcas invariáveis nos horizontes da cultura, como é o caso dos valores do indivíduo e da pessoa. Da mesma forma no plano da Teoria da Cultura, o embasamento não pode deixar de ser positivo, isto é, histórico, pois ela não se desenvolve no vazio. De um lado apoia-se em dados concretos ligados à natureza das coisas, de outro vincula-se às forças ordenadoras e construtivas da consciência intencional, não como consciência comum ou coletiva mas intersubjetiva. Este é o diálogo que os homens realizam, e a leitura que fazem da natureza e de si.

Para Reale “... a cultura pressupõe, em cada um de nós, um longo e continuado processo de seleção e filtragem de conhecimentos e experiências, do qual resulta, por assim dizer, um complexo de idéias e de símbolos que passam a fazer parte integrante de nossa própria

personalidade²². Essa filtragem faz com que o homem se posicione efetivamente diante dos frutos do seu trabalho, diante dos valores da sociedade para dela extrair elementos que ultrapassam o meramente passageiro. Isto faz perceber que não existe a pretensa neutralidade dos pesquisadores. “Fatores axiológicos podem influenciar o cientista e o biólogo, pois há sempre um dado pessoal na pesquisa que é desenvolvida. Isto porque os valores indicam sempre um dever-ser, ... como expressão imediata da intencionalidade da consciência²³”.

Para o autor o que se verifica é “um diálogo entre as culturas”, acima do vocabulário ideológico europeu-americano. Num país como o Brasil, que é um caldeamento de todas as raças e culturas, esse fenômeno se mostra de maneira bem viva, numa mutuação cada vez mais desconcertante e imprevisível de concepções antagonicas²⁴. Contudo existem valores que no transcurso da história... tornam-se constantes ou invariáveis axiológicas, condicionando a concepção do mundo, não obstante a diversidade e as mutuações das ciências e das culturas²⁵.

Em suma “... do tempo cultural em sua expressão axiológica objetiva, como ‘forma de vida’ em cujo âmbito as coisas e os atos humanos possuem sentido e função próprios, pois, em última análise, a cultura é o que nos resta quando se retiram os andaimes da erudição²⁶”.

Por isso a melhor maneira de obtermos uma compreensão integral da cultura é por meio da “experiência”. Esta consiste “... num complexo de formas e processos mediante os quais procuramos nos certificar da validade e intercomunicabilidade de nossas interpretações da ‘realidade’, bem como dos símbolos que em função dela constituímos, tomada a palavra realidade em toda a riqueza de seu significado, em incidirmos, em suma, nos ‘reducionismos’ antigos a recentes altamente deturpadores da compreensão integral da cultura²⁷”.

Sobre a dialeticidade do mundo da cultura, Reale parece não ter dúvida quando afirma que esta é “... tudo aquilo que se tornou ou venha a se tornar momento de participação ou de consciência humana e objeto de seu trabalho criador e transformador — os fenômenos naturais, inclusive, enquanto ‘objetos de ciência’, isto é, enquanto sistema de conhecimentos e linguagem técnica — tudo, em suma, que é constituído pela espécie humana através do tempo, é intrinsecamente dialético. O mundo histórico, como intuiu genialmente Vico, é mundo feito pelo homem e, como tal, projeção do espírito criador que instaura e dinamiza, valendo-se dos dados naturais, através desse processo incessante de ‘subjetivações’ e ‘objetivações’ que constitui a experiência humana²⁸”.

Essa “participação” ou “consciência humana” nada mais é que a presença do processo de valoração pois estes segundo Reale representam “... o homem mesmo em sua autoconsciência no evolver da história²⁹”.

Representam, então, uma projeção da “consciência histórica” como “dialeiticidade objetivada”.

Segundo o autor “... é somente à luz dessa dialeticidade dialógica que a cultura se revela em sua plena configuração como ‘intencionalidade objetivada’³⁰.”

CONCLUSÃO

O pensamento de Miguel Reale não se resume às questões apresentadas. É impossível em poucas páginas captar a riqueza e a fecundidade do seu pensamento, porém é o mais expressivo e original representante da Escola Culturalista no Brasil.

Sua filosofia poderia ser sintetizada como uma busca incansável da compreensão do mundo e nele o homem, mediante a interdisciplinaridade e a interconexão de todas as áreas do conhecimento. Sua teoria da experiência indica que o homem vai realizando “filtragens de conhecimentos” desejoso de compreender a si próprio mediante uma análise do mundo. Como um ser cultural ele se apresenta como consciência intencional, ética, que realiza constantes valorações que não devem recair em preferências reducionistas na dimensão dialética, dialógica e intersubjetiva.

NOTAS

- (1) REALE, Miguel. **Experiência e Cultura**. São Paulo, Grijalbo-Edusp, 1977, p. 32 - 33.
- (2) Ibid. p. 32.
- (3) Ibid. p. 31.
- (4) Ibid. p. 31.
- (5) Ibid. p. 31.
- (6) Ibid. p. 30.
- (7) Ibid. p. 99.
- (8) Ibid. p. 39.
- (9) Ibid. p. 42.
- (10) LLORENT, Francisco Olmedo. **A filosofia crítica de Miguel Reale**. São Paulo, convívio, 1985, p. 139 e 140.
- (11) REALE, Miguel. **Filosofia do Direito**. V.I, p. 28, Apud Francisco Olmedo Llorente, *Filosofia Crítica de Reale*, 1985, p. 117.
- (12) LLORENTE, Francisco Olmedo. **A filosofia crítica de Miguel Reale**. São Paulo, Convívio, 1985, p. 117 e 118.
- (13) Ibid. p. 106 e 107.
- (14) Ibid. p. 159 e 160.
- (15) Ibid. p. 25 e 26.
- (16) REALE, Miguel. **O homem e seus horizontes**. São Paulo, Convívio, 1980, p. 47.
- (17) Ibid. p. 48.

- (18) Ibid. p. 34.
- (19) REALE, Miguel. **Experiência e cultura**. São Paulo, Grijalbo Edusp, 1977, p. 166.
- (20) Ibid. p. 217.
- (21) Ibid. p. 217.
- (22) REALE, Miguel. **O homem e seus horizontes**. São Paulo, Convívio, 1980, p. 42.
- (23) REALE, Miguel. **Experiência e cultura**. São Paulo, Grijalbo Edusp, 1977, p. 240.
- (24) REALE, Miguel. **O homem e seus horizontes**. São Paulo, Convívio, 1980, p. 53.
- (25) Ibid. p. 58.
- (26) REALE, Miguel. **Experiência e cultura**. São Paulo, Grijalbo Edusp, 1977, p. 224.
- (27) Ibid. p. 14.
- (28) Ibid. p. 165.
- (29) Ibid. p. 234.
- (30) Ibid. p. 234.